

EPISÓDIO 2 – LADO B

eu não sentia no corpo ou lendo Moisés Alves, *Onde late um cachorro doido*.

eu não sentia isso no corpo talvez
fosse um corpo ou uma tentativa
de traduzir isso no corpo enquanto
ela me perguntasse *por que há um
cachorro no título do livro que você lê?*
e eu dissesse ainda lendo que era
uma expressão idiomática que era
algo como uma espécie de pressa
perdida prece por quem já não precisa
da prece por aguardar com uma
ânsia animal bestial o que a socorre
ali na língua significando também
que o viralatismo pode ser uma
espécie de forma de flunar pelas ruas
– e não apenas o viralatismo de toda
essa política de subserviência ao ocidente
capitalizado – uma forma portanto
que porta a loucura das coisas que
se organizam como um caos bêbado
um modo com que as palavras e aí
já é o livro do moisés possam se
barroquizar não numa linha que falha
mas nos seus infinitos desdobramentos
seguidos de blocos de barreiras ou ainda
e talvez muito mais forte aquilo que se
abre entre o ruído e o resto já que eu
não sentia isso no corpo e foi uma
fome de amor que me lançou ali

ele dizia *ame a essa pessoa, a essa queda
chegando, acolha-a sob sua tenda de
gaze – viciada – em frondosos fiapos
esse teto todo seu e amplo, de uma
brutalidade vital* a quantos golpes desses
podemos nos submeter até que o poema
possa fazer sentido? em uma só força
algo ali expele a cada vez o que seria

táctil ou algo que não tem mais chão
a *ausência matérica* com que escreve
o latido de um cão *um cão pode latir*
se não tem palavras? vou pausadamente
até aqueles espectros que montam
sua morada espectros que o poeta também
expulsa do *diálogo selvagem entre corações*
afastem-se
deem o fora
desapareçam para falar de uma outra forma
de contágio – a conquista de um corpo
de um corpo próprio e não do corpo do outro
aquele da dor não medicalizada – vide as notas
de aulas com que ele dispara depois de ter
sido alvo do disparo de um estudante –
e tudo que ocupamos não são senão os restos
de um poema que se tenta escrever
sobre uma morada *como se a musculatura*
arranjasse um meio de parir
seu poema como se portanto algo pudesse
nascer de um corpo – tudo nasce de um corpo
fêmeo – e tomasse um longo tempo
até encontrar o seu nome como se
após o primeiro lance de
escada bater sem espanto na
porta à esquerda e ir entrando
como se
a vida fosse uma coisa de
cinema
mas um cachorro não tem idioma
mas ele tem língua e é dela que aprendemos
a *lamber sem interrupção* *lamber a coisa o seu*
ao-redor como língua de cachorro e a sua chaga,
objeto de amor / folia do cão e isso pode
parecer bobagem quando se diz assim
que devemos aprender do cão a *lamber as coisas*
mas algo precisa ser traduzido para a pobreza
da linguagem a pobreza do mundo dos animais
combater fecundamente uma interrupção
para torcer a golpes o estado de solidão
que responde a outro *encharcado de solidão*
e algo continua a falhar

os poemas aqui falam de falhas como fissuras
como rostos que se expõem a riscos
são esses uns sons que moisés alves me
faz lembrar não mais com a cabeça
mas com o corpo que se alinha àquelas
rochas de império que o mar desguarnece quando
maré baixa aquela floresta de fantasmas ele essa
floresta ou ao lembrar a sua idade ao lembrar
que um ano depois ele nascia e um poema
é como *um flash um clique, este acontecimento*
infotografável retido no ar ou era do real que ele
falava? nenhum tempo vence esse volteio
trapaceado que o rumor festeja digo isso
com o livro aberto no meu colo para fazer
bom uso dele

a carne animada a quem se deve *rezar um poema*
e eu me dobro sobre os poemas como quem
devesse se dobrar a uma das infecções de ter tocado
um outro como é de sua natureza tocar um outro –
– digo do poema é de sua natureza tocar um outro –
e não o diga em voz murmurada em voz de quem
quer esconder algo é preciso estar em guerra
para que a vida entenda que ela faz parte disso
isso ensina o poema ou isso ensina o cachorro
que passa compassivo ou em sua agressão extremada
em sua voragem do *não sabe como* do que é ter tido
um dia uma mão e viver com ela – heidegger nunca teve
razão sobre a manufatura do mundo – hoje
é fatal a inscrição dessa mão mas ela precisa viver
como um bote sobre as coisas é preciso que demos
um bote nas coisas e afetos isso que poderia ter significado
ter levado uma facada ou ter cortado o filme
com uma navalha ou uma navalha sobre o rosto
de mais um rapaz deixado ali na sarjeta para morrer
tendo sido espancado um corpo materializando-se
a golpes de martelo para que seu corpo possa
despertencê-lo a vida *mostra ao rapaz no meio da festa*
a saída de emergência e escrever já não é apenas
o veneno daquele poeta muito santo das páginas brancas
escrever com *letra dura* que *corre um ácido que o derrete*

inteiro é isso escrever sobre um rapaz que se vai
ou que é deixado a ir
moisés alves diz apenas que escreve ou melhor
fico com os restos muito delicados tudo pode ser
repetido e repetido como reler esse livro
como tomar mais uma noite num furto num
rapto não há nenhuma história que não se repita
diferentemente – atenção rapazes não há nenhuma
teleologia na história *what a pity* – então
aguardar com vela acesa o necessário chegar
isso pode custar caro ou custar o sangue
o gesto hábil de tornar estilhaço cada acontecimento

são poemas do fim *o que ele pode dar?*
o que vai desaparecer vai romper
e num acolhimento qualquer grito cabe
ter uma voz cabe mesmo que não faça senão latir
– segunda pessoa que me diz isso hoje –
já que *seguir a-dois deixa-me frágil* eu também diria
isso moisés porque isso extrai da vida
um lugar para o corpo *dar ao precário, a esse*
lampejo, morada

o livro não termina nos poemas
você vira a última página em branco
e está inscrito ali
moisés alves vive em salvador

PS:

o próximo será
Hoje como ontem ao meio-dia
do Heitor Ferraz Mello.

BIBLIOGRAFIA

Moisés ALVES, *Onde late um cachorro doido*. Rio de Janeiro: Circuito / Azougue, 2017.